




O Processo de Aconselhamento

LIZANDRA BRANDANI



“Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança”

CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

VERBO ACONSELHAR

“recomendar”, “convencer”, “persuadir”,
“consultar”, “pedir parecer” ou “tomar
conselho”.

Aconselhamento Histórico


- ▶ Escolha da carreira
- ▶ Emergência de novas profissões e ocupações
- ▶ Revolução Industrial
- ▶ Indivíduos diferenciados entre si em termos de habilidades físicas, aptidões e interesses

Aconselhamento – década de 50

Parsons

- ▶ Melhor escolha
- ▶ Ajustamento/adaptação
- ▶ Coercitivo
- ▶ Uso de testes: habilidades, aptidões, potencialidades, etc.

Aconselhamento – década de 50



“Tratava-se de um conhecimento técnico, mensurável, com foco no ajustamento do indivíduo à sociedade industrializada.”

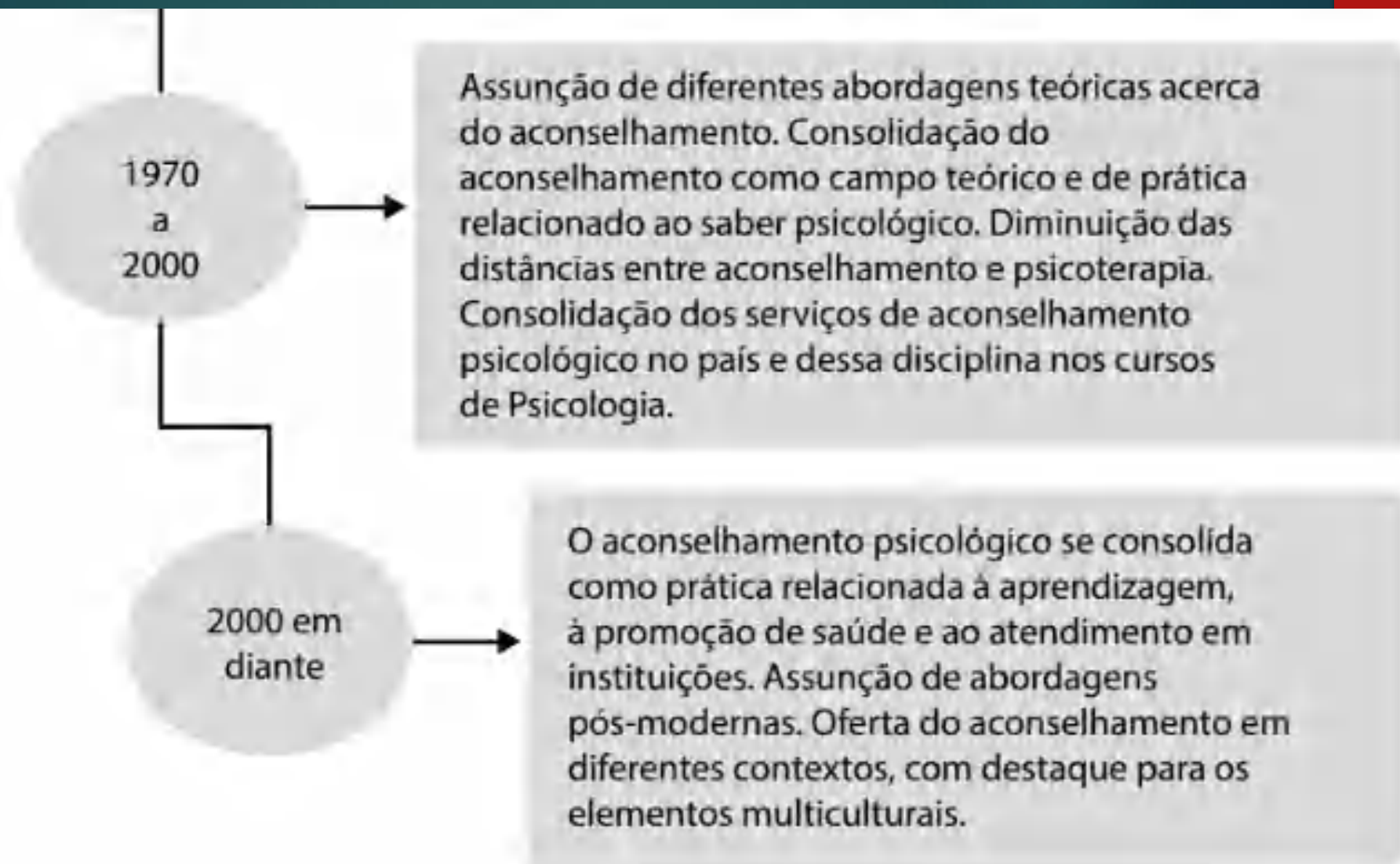
Transformação a partir de Rogers

1920
a
1950

Aconselhamento como sinônimo de orientação diretiva ligada à necessidade de reconhecer aptidões para encontrar a melhor adaptação do sujeito aos meios educacionais e profissionais. Forte influência da psicomетria. Aconselhamento diretivo, foco no conselheiro e em sua capacidade de reconhecer habilidades e direcionar caminhos. A capacidade de escolha por parte do cliente é limitada pelo saber do conselheiro.

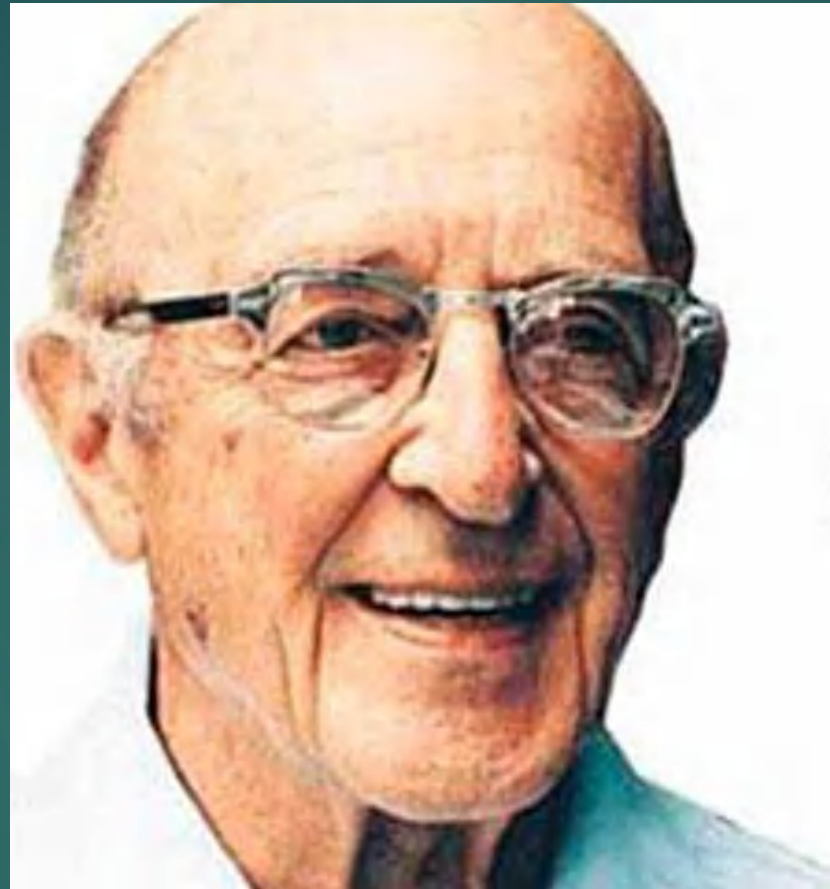
1950
a
1970

O aconselhamento passa a ser influenciado pela psicoterapia a partir da obra de Rogers. A escuta e o acolhimento passam a ser mais importantes que a diretividade do processo. Aconselhamento não diretivo. Entrada do aconselhamento nos cursos de Psicologia brasileiros. Forte relação com os serviços-escolas e com o atendimento psicológico em instituições.



Influência de Carl Rogers

- ▶ “Psicoterapia e Consulta Psicológica” (1942)
- ▶ Mais sensível à pessoa do que ao problema
- ▶ Integração com os outros aspectos da vida



CARL ROGERS

1902-1987

TERAPIA CENTRADA NA PESSOA

Rogers

“[...] a consulta psicológica eficaz consiste numa relação permissiva, estruturada de uma forma definida que permite ao paciente alcançar uma compreensão de si mesmo num grau que o capacita a progredir à luz da sua nova orientação (Rogers, 1973, p. 29).”

Santos (1982)

“processo de indicar ou prescrever caminhos, direções e procedimentos ou de criar condições para que a pessoa faça, ela própria, o julgamento das alternativas e formule suas opções”

Santos (1982)

“processo de indicar ou prescrever caminhos, direções e procedimentos ou de criar condições para que a pessoa faça, ela própria, o julgamento das alternativas e fazer suas opções”

VISÃO DIRETIVA

Aconselhamento diretivo

- ▶ Decisão/julgamento → figura do conselheiro
- ▶ Detentor da visão técnica
- ▶ Experiência teórico/prática

Santos (1982)

“processo de indicar ou prescrever caminhos, direções e procedimentos ou de criar condições para que a pessoa faça, ela própria, o julgamento das alternativas e formule suas opções”

VISÃO NÃO DIRETIVA

ACONSELHAMENTO NÃO DIRETIVO

- ▶ Mais de encontro com a função do psicólogo
- ▶ Acompanhar/facilitar → conselheiro

Aconselhamento e Orientação

- ▶ Não é exclusividade do psicólogo
- ▶ Década de 50

“promover o melhor “ajustamento” da pessoa a uma dada função ou, então, reconhecer uma gama de atividades que poderiam ser desempenhadas por um dado sujeito a partir das suas aptidões.”

Aconselhamento - Rogers

- ▶ Caráter mais clínico
- ▶ Crescimento pessoal do cliente x ajustamento a um dado sistema
- ▶ Acolher o sofrimento

Segunda metade do século XX

- ▶ Cliente consciente dos seus problemas, recursos, condições
- ▶ Conselheiro não é detentor da verdade
- ▶ Decisão e desenvolvimento do cliente

Rogers: valores humanitários

“A consideração e o respeito pelo contexto particular de cada sujeito e pela singularidade de seu sofrimento”

Consideravam a atitude do psicólogo



DEFINIÇÕES

ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

Autor(a)	Definição de aconselhamento psicológico
Rogers (1942)	<p>Uma série de contatos diretos com o indivíduo com o objetivo de lhe oferecer assistência na modificação de suas atitudes e comportamentos. Consiste em uma relação permissiva que oferece ao indivíduo oportunidade de compreender a si mesmo e a tal ponto que o habilita a tomar decisões em face de suas novas perspectivas. A partir da leitura de Santos (1982) acerca da obra de Rogers, o aconselhamento pode ser compreendido como um "[...] método de assistência psicológica destinado a restaurar no indivíduo suas condições de crescimento e de atualização, habilitando-o a perceber, sem distorções, a realidade que o cerca e a agir, nessa realidade, de forma a alcançar ampla satisfação pessoal e social" (p. 7).</p>

Erickson (1951)

Relação entre duas pessoas na qual um dos participantes assumiu ou foi levado a assumir a responsabilidade de ajudar o outro. O cliente tem possíveis necessidades, problemas, bloqueios ou frustrações que deseja tentar satisfazer ou modificar. O bem-estar do cliente constitui o interesse central da situação.

Shostrom e Brammer (1952)	"Relação objetiva e recíproca entre duas pessoas, em que uma, com formação específica, auxilia a outra a modificar-se ou a mudar seu ambiente" (p. 1).
Gustad (1953)	Processo orientado para a aprendizagem em que um orientador habilitado, com conhecimentos e prática de Psicologia, procura auxiliar o cliente através de métodos apropriados às suas necessidades, a conhecer-se melhor e a aprender a utilizar esses conhecimentos em relação a objetivos definidos, para que esse cliente se torne um membro mais atuante de sua sociedade.

Autor(a)	Definição de aconselhamento psicológico
Super (1955)	<p>Movimento que encerra dados teóricos e técnicos da psicoterapia, inclui orientação profissional e ocupa-se, sobretudo, do indivíduo como indivíduo, procurando ajudá-lo a adaptar-se com sucesso aos vários aspectos da vida. Os aconselhadore ou orientadore ocupam-se de pessoas normais, podendo-se, ainda, cuidar daquelas que apresentam deficiências e são mal-ajustadas, porém, de maneira diferente daquela que caracteriza a Psicologia Clínica.</p>

Mac Kinney (1958)	Relação interpessoal na qual o conselheiro assiste o indivíduo na sua totalidade psíquica a se ajustar mais efetivamente a si próprio e ao seu ambiente.
Tyler (1958)	"Tipo de atividade de auxílio psicológico que se concentra no crescimento de um sentido claro de identidade do ego e na disposição para fazer escolhas e assumir compromissos de acordo com elas" (p. 12).

Stefflre (1976)

Indica um relacionamento profissional entre um orientador preparado e um cliente. Esse relacionamento, geralmente, se verifica apenas entre duas pessoas, embora, às vezes, possa envolver mais de duas, e destina-se a auxiliar o cliente a compreender e ver melhor seu espaço vital, de modo a fazer escolhas significativas, com base em informações, de acordo com sua natureza essencial nas áreas onde haja escolha para ele fazer.

May (1979)	A essência do aconselhamento consiste na tentativa de tornar o ato da ajuda mais eficiente, baseando-o no conhecimento do caráter humano, sua construção, destruição e reconstrução, de modo que possa ser auxiliado pelos vários ramos da Psicologia contemporânea.
Sheeffer (1980)	Relação face a face entre duas pessoas, na qual uma delas é ajudada a resolver dificuldades de ordem educacional, profissional, vital e a utilizar melhor os seus recursos pessoais.

Santos (1982)

Processo de indicar ou prescrever caminhos, direções e procedimentos ou criar condições para que a pessoa faça, ela própria, o julgamento das alternativas e formule suas opções. A exemplo de Rogers, este autor considera o aconselhamento um processo semelhante à psicoterapia.

Corey (1983)

Processo através do qual se dá a oportunidade aos clientes de explorarem preocupações pessoais; esta exploração conduz a uma ampliação da capacidade de tomar consciência e das possibilidades de escolha. O processo de aconselhamento é geralmente de curta duração, focaliza os problemas e assiste a pessoa na remoção de bloqueios ao seu crescimento. Este processo auxilia o indivíduo a descobrir os recursos de que dispõe para uma vida mais produtiva.

Autor(a)	Definição de aconselhamento psicológico
Rudio (1986)	Trata-se de uma relação de ajuda. Assim como a psicoterapia, utiliza como método de base uma série de entrevistas diretas com um indivíduo procurando ajudá-lo a mudar suas atitudes e comportamentos.

Patterson e
Eisenberg (1988)

Processo interativo caracterizado por uma relação única entre conselheiro e cliente que leva este último a mudanças em uma ou mais das seguintes áreas: comportamento; construtos pessoais; capacidade para ser bem-sucedido nas situações de vida, de forma a aumentar ao máximo as oportunidades e reduzir ao mínimo as condições ambientais adversas; conhecimento e habilidade para tomada de decisão. O aconselhamento deve resultar em comportamento livre e responsável por parte do cliente, acompanhado de capacidade para compreender e controlar sua ansiedade.

European Association for Counselling (1996)	<p>Processo de aprendizagem interativo entre conselheiro e cliente (indivíduos, famílias, grupos ou instituições) que aproxima de forma holística questões culturais, econômicas, sociais e/ou emocionais. Pode estar preocupado com o endereçamento e resolução de problemas específicos, tomar decisões, lidar com a crise, melhorar relacionamentos, questões de desenvolvimento, entre outros. O objetivo global é proporcionar aos clientes oportunidades para viver de modo mais gratificante e cheio de recursos.</p>
---	--

Spanoudis (1997)

Espaço clínico caracterizado por um tempo cronologicamente limitado, capaz de propiciar um encontro no qual a relação entre o sujeito dono de sua subjetividade em crise e o terapeuta, coexistindo, buscariam, dentro do lugar comum criado por esse encontro, o esclarecimento dos significados vivenciais e relacionais experienciados por aquela subjetividade.

Ministério da
Saúde (Brasil,
1997)

Processo de escuta ativa, individualizado e centrado no paciente. Pressupõe a capacidade de estabelecer uma relação de confiança entre os interlocutores, visando o resgate dos recursos internos da pessoa atendida para que ela mesma tenha possibilidade de reconhecer-se como sujeito de sua própria saúde e transformação.

Whiteley (1999)

Prática de ajuda focalizada e objetiva, de caráter educativo e preventivo que, através da descoberta, avaliação, realce e incremento dos recursos internos e interpessoais de indivíduos e grupos, busca contribuir para uma melhor qualidade de vida e uma maior satisfação pessoal.

Trindade e
Teixeira (2000)

Relação de ajuda que visa a facilitar uma adaptação mais satisfatória do sujeito à situação em que se encontra e otimizar os seus recursos pessoais em termos de autoconhecimento, autoajuda e autonomia. A finalidade principal é promover o bem-estar psicológico e a autonomia pessoal no confronto com as dificuldades e os problemas.

Autor(a)	Definição de aconselhamento psicológico
Barros e Holanda (2007)	Possibilidade de ocorrência do encontro clínico fundamental, mesmo que em um gradiente temporal reduzido, possuindo um lugar no espectro da clínica psicológica clássica.

Forghieri (2007)

Também chamado de aconselhamento terapêutico, consiste num relacionamento interpessoal de ajuda existencial, cuja origem remonta à Antiguidade, na "cura pela palavra" introduzida e praticada pelo filósofo Empédocles. Tal ajuda terapêutica não se propõe a lidar e curar os sintomas e psicopatologias. Pretende atingir, diretamente, os aspectos saudáveis dos clientes. O aconselhamento psicológico "é a relação entre duas ou mais pessoas, por meio de uma conversação, na qual a presença de um aconselhador torna-se existencialmente terapêutica para uma ou várias dessas pessoas, que são os aconselhados. Constitui-se, portanto, de uma relação interpessoal que requer a presença genuína do aconselhador, manifestada por ele mediante atuações, tais como o fornecimento de informações ou esclarecimentos sobre assuntos que preocupam o aconselhado, o exame e a reflexão a respeito de situações conflitantes vivenciadas por ele e das várias perspectivas sob as quais elas podem ser consideradas; o reconhecimento e a exploração de recursos e capacidades pessoais do aconselhado no sentido de desenvolver sua própria liberdade para se confrontar com suas dificuldades do momento e procurar resolvê-las ou ultrapassá-las, ajudado inicialmente pela presença do aconselhador" (p. 1).

Schmidt (2012)

Trata-se de uma prática de fronteira, o que indica a qualidade de desafiar ou afrontar a ordem disciplinar. O aconselhamento pode ser apreendido como prática intersticial por constituir-se entre o modelo médico e a educação e por ser capaz de acolher, em um primeiro momento, a ação de vários e diferentes profissionais, configurando-se como área multiprofissional.

Moreno e Reis (2013)	No contexto da saúde, constitui-se como uma ação de prevenção e é componente do processo de diagnóstico, provendo o usuário de atenção individualizada e singular.
Pupo e Ayres (2013)	Tecnologia de ajuda, de cuidado, e como uma prática instrumental que oferece auxílio estruturado e personalizado para o manejo de situações difíceis e de crise que exigem ajustamentos e adaptações, para a solução de problemas específicos e para a tomada de decisões.

Definição Aconselhamento

- ▶ Relação entre psicólogo-conselheiro x quem busca ajuda
- ▶ Diálogo
- ▶ Fortalecer aspectos positivos
- ▶ Promover autonomia e liberdade
- ▶ Fronteira: modelo médico/educação
- ▶ Multiprofissional
- ▶ Não é psicoterapia mas é terapêutico
- ▶ Exame e reflexão dos conflitos


Pontos em comum

- ▶ Construção
- ▶ Sigilo
- ▶ Ausência de julgamento
- ▶ Demanda deve vir do cliente
- ▶ Foco na vida/história do cliente
- ▶ Comunicação efetiva, aberta e franca

Etapas/tarefas


a) Identificação e análise de problemas e circunstâncias específicas da vida:

- ▶ Da sua história até o problema atual
- ▶ Não é um fato isolado




b) aumento do discernimento,
conhecimento e consciência
dos diferentes elementos
envolvidos nestas situações:

- ▶ Qual a queixa?
- ▶ Compreensão por parte do profissional e por parte do cliente




c) avaliação das condições, recursos (pessoais e sociais), estratégias, alianças e obstáculos existentes para manejá-las:

Identificar padrões de comportamento que estejam impedindo o desenvolvimento e crescimento pessoais do cliente.



d) definição do potencial de mudança dessas condições e atitudes pessoais:

- ▶ Disponibilidade desse cliente de realizar transformações em seu modo de ver o problema ou de solucioná-lo



e) Escolha e experimentação de ações específicas, consideradas factíveis e convenientes para a transformação da realidade em questão:

- ▶ Decisões e escolhas
- ▶ Discutir estratégias de abordagens, comportamentos que podem favorecer a resolução do conflito, bem como avaliá-las à medida que são empregadas

Vínculo

- ▶ Relação de confiança
- ▶ Estabelecer intimidade
- ▶ Aconselhamento x Psicoterapia

ORIENTADOR

- ▶ **ATITUDE** – como deixar valores pessoais de lado sem se amparar simplesmente em técnicas padronizadas?
- ▶ **TÉCNICA**

Atitudes do orientador

- ▶ Conhecer sua técnica
- ▶ Quando e como aplicá-la?

- Por que inquirir sobre um determinado tópico?
- Que lhe fez escolher essa interpretação e não outra?
- Por que resolveu apoiar o orientando em determinado aspecto?
- Teria, acaso, aliviado, com isso, a sua própria angústia? A interpretação dada não seria reflexo da atitude pessoal que se teria colocado frente a uma experiência semelhante? Estará absolutamente certo de que a solução que sugere para o problema do orientando, não é a solução que encontraria para um problema seu?

Categorias de respostas utilizadas por orientadores

- ▶ **AVALIATIVA:** O orientador faz um julgamento do que o orientando expressou. De certa maneira, o orientador inclui, franca ou sutilmente, na sua resposta, aquilo que o cliente pode ou deve fazer

Categorias de respostas utilizadas por orientadores

- ▶ **INTERPRETATIVA:** indica a intenção do orientador atribuir um significado ao que o orientando diz, mostrando-lhe alguma coisa que por ele não foi percebida. Inclui, de maneira direta ou sutil, na sua resposta, o que o cliente deve ou pode pensar.

Categorias de respostas utilizadas por orientadores

- ▶ **SUPPORTATIVA:** indica que o orientador pretende animar o cliente, reduzir a intensidade das suas vivências emocionais. Inclui, na sua resposta, que o cliente não precisa, necessariamente, sentir-se abatido com o problema que tem.

Categorias de respostas utilizadas por orientadores

- ▶ **INQUISITIVA:** Indica a intenção do orientador procurar maiores informações e mesmo provocar discussão. Inclui a ideia de que será proveitoso para o orientando prolongar o debate sobre o problema apresentado.

Categorias de respostas utilizadas por orientadores

- ▶ **COMPREENSIVA:** Indica que o orientador tem a intenção de transmitir ao orientando a sua compreensão.

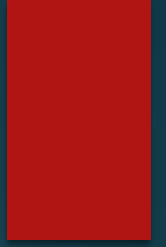
Quais as características das respostas compreensivas?

- ▶ CENTRO DE REFERÊNCIA DO ORIENTANDO
- ▶ Reflete suas emoções, temores, inseguranças e ansiedades do orientando.
- ▶ Empatia

Aconselhamento

“uma área do conhecimento bastante ampla e que envolve uma prática “educativa, preventiva, de apoio situacional, centralizada nos aspectos saudáveis, nas potencialidades e nas dimensões conscientes e ‘mais superficiais’ da clientela, requerendo tempos abreviados”

Aproximações entre aconselhamento psicológico e psicoterapia



Diferença básica (psicoterapia x aconselhamento)

- ▶ (a) no tempo requerido em cada um dos processos;
- ▶ (b) no grau de aprofundamento proporcionado por cada técnica;
- ▶ (c) no tipo de problema trazido pelo cliente, se mais situacional ou de caráter mais permanente

Seria uma questão apenas de terminologia?

- ▶ Desde o primeiro encontro entre psicólogo e cliente, há uma experiência de crescimento, não havendo diferenças quanto a diagnósticos.
- ▶ O foco é sempre o indivíduo e sua experiência de crescimento pessoal.

Aconselhamento

“Compreendido para além do oferecimento de conselhos e informações de modo diretivo e intencional e passou a incorporar técnicas desenvolvidas no contexto psicoterápico.”

Efetividade da ajuda

(a) COMPREENSÃO

- ▶ Envolve a capacidade de compreender o problema que faz com que o cliente busque ajuda profissional
- ▶ Exercício de profunda investigação acerca dessa motivação

Efetividade da ajuda

(B) Intervenção com FOCO na MUDANÇA do cliente

- ▶ As mudanças são indicadores de que a relação de ajuda está sendo efetiva

Efetividade da ajuda

(C) Relação terapêutica

- ▶ Foco no bem-estar daquele que busca ajuda
- ▶ Conselheiro: manifestação de suas impressões, desejos e interpretações do modo mais autêntico possível,
- ▶ Priorizar um relacionamento claro e transparente

Efetividade da ajuda

(D) Sequência, delimitação de tempo

- ▶ Um começo, um meio e um fim da intervenção
- ▶ Deparar-se com o seu problema e estabelecer, juntamente com o profissional, metas e ações para promover essas mudanças

Efetividade da ajuda

(E) Experiência Intensa

▶ Mesmo que breve

Efetividade da ajuda

(F) Conduta Ética

- ▶ Estabelecimento do contrato de trabalho,
- ▶ Sigilo,
- ▶ Confidencialidade e
- ▶ Segurança dos dados fornecidos nos atendimentos

Atitudes básicas do conselheiro (ROGERS)

(a) congruência ou autenticidade

“o psicólogo deve estar aberto às experiências do seu cliente, dispondo de sentimentos que ocorrem com ele mesmo, não negando a si mesmo. A congruência ou autenticidade significa que o profissional tem que ser, no encontro com o cliente, o mais próximo possível do que é em todas as suas relações, ou seja, que deve permitir-se “ser o que se é”

Atitudes básicas do conselheiro (ROGERS)

(b) Consideração positiva incondicional

“o psicólogo deve vivenciar atitudes positivas de aceitação para com o cliente, sem julgamentos ou reservas”

Atitudes básicas do conselheiro (ROGERS)

(c) compreensão empática

- ▶ Colocar-se no lugar do cliente em uma atitude “como se”

“abrir-se à possibilidade de experienciar, juntamente com o cliente, suas dores, angústias e apreensões, conservando a capacidade de afetar-se e de conseguir refletir claramente sobre essa experiência a partir do ponto de vista dessa pessoa em sofrimento.”

Scheeffer (oposição a Rogers)

Diagnóstico

- ▶ Identificar claramente sob qual enquadre o cliente poderia ser atendido

The PLISSIT Model: A Proposed
Conceptual Scheme for the Behavioral
Treatment of Sexual Problems
Jack S. Annon

The PLISSIT Model

um esquema conceitual proposto
para o tratamento
comportamental de problemas
sexuais

MODELO PLISSIT

Este esquema conceitual é referido como o modelo PLISSIT ou mais precisamente: P-LI-SS-IT. O modelo prevê quatro níveis de abordagem, e cada letra ou par de letras designa um método sugerido para lidar com a apresentação de preocupações sexuais.

Modelo PLISSIT

Permission

Limited Information

Specific Suggestions

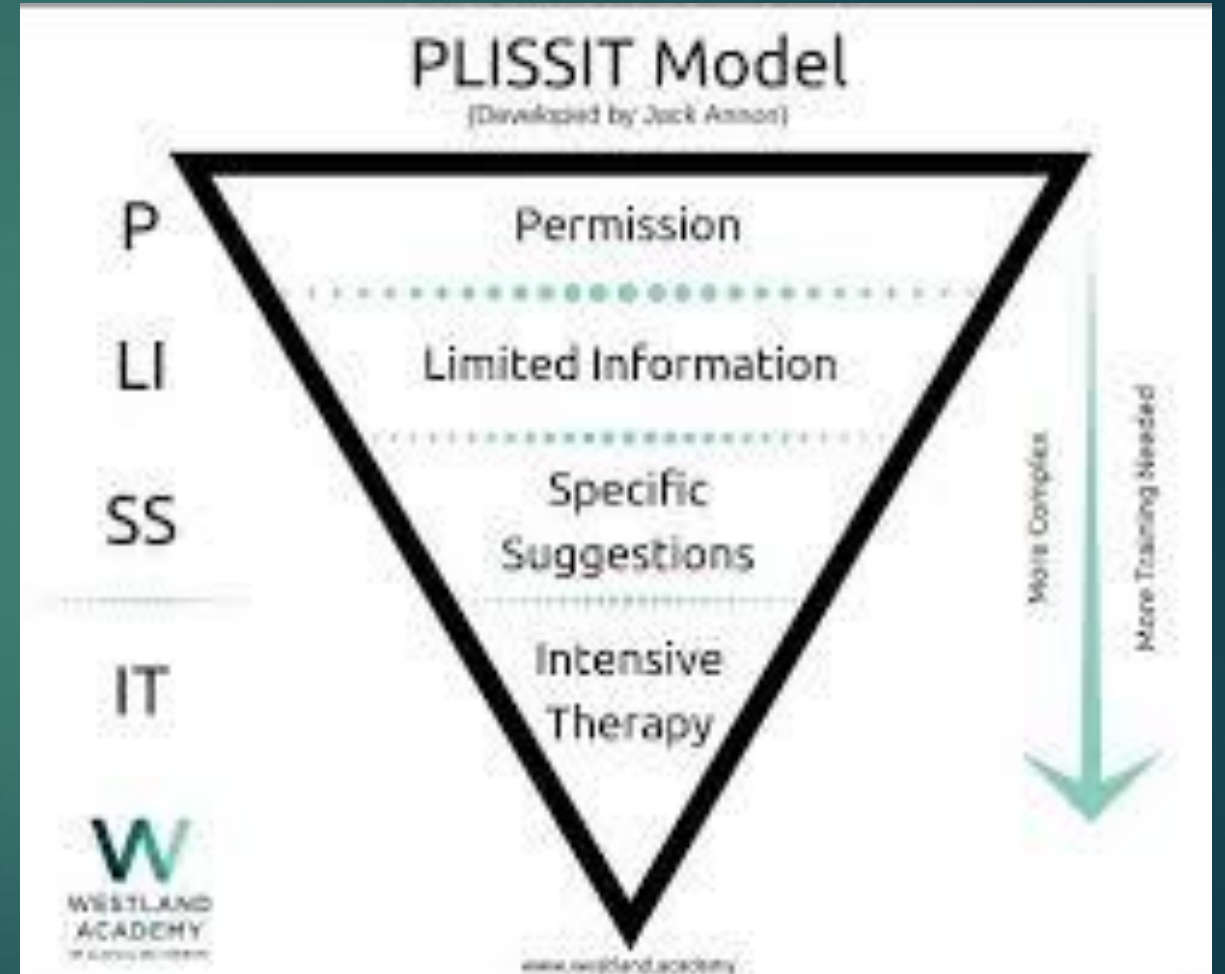
Intensive Therapy

Qualquer profissional de saúde que trabalhe com estes doentes

Especialista

MODELO PLISSIT

- ▶ Disfunção sexual x inadequação sexual
- ▶ Atende à diversidade etiológica das queixas sexuais



Primeiro Nível : PERMISSÃO

- ▶ Às vezes, tudo o que as pessoas querem saber é que elas são normais, que estão bem, que não são "pervertidas", "desviadas" ou "anormais" e que não há nada de errado com elas. Principalmente, eles gostariam de descobrir isso de alguém com uma formação profissional ou de alguém que está em uma posição de autoridade para saber

Primeiro Nível : PERMISSÃO


- ▶ A PERMISSÃO também pode ser vista como uma medida preventiva, bem como uma técnica de tratamento. A doação de permissões certamente não resolverá todos os problemas sexuais, ou mesmo muitos desses problemas, mas resolverá alguns

Primeiro Nível : PERMISSÃO

Frequentemente, os clientes querem apenas um profissional interessado para atuar como uma caixa de ressonância para verificar suas preocupações. Em outros casos, o clínico pode informá-los que não estão sozinhos ou incomuns em suas preocupações e que muitas pessoas os compartilham. A garantia de que eles são normais e a permissão para continuar fazendo exatamente o que eles estão fazendo é suficiente em alguns casos para resolver o que pode eventualmente se tornar um grande problema

Primeiro Nível : PERMISSÃO


- ▶ pode ser usado para cobrir uma série de áreas de preocupação, como pensamentos, fantasias, sonhos e sentimentos, bem como comportamentos manifestos. Preocupações com pensamentos e fantasias sexuais são muito comuns



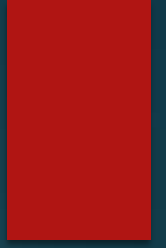
Por exemplo, não é incomum que um homem ou uma mulher tenha pensamentos ou fantasias sexuais sobre pessoas que não sejam seus parceiros, ou sobre pessoas do mesmo sexo, ou mesmo sobre seus próprios pais, ou irmãos e irmãs, ou filhos e filhas. Pensamentos ocasionais como esses são bastante comuns, e deixar que o cliente saiba que isso pode aliviar alguns sentimentos de ansiedade ou culpa sobre ser "anormal". É somente quando tais pensamentos ou fantasias se tornam persistentes ou começam a interferir diretamente de alguma maneira com outras áreas de funcionamento que podem criar um problema.

Primeiro Nível : PERMISSÃO

- ▶ **Sentimentos:** Não é incomum as pessoas responderem com ansiedade quando experimentam excitação sexual com o que consideram uma estimulação inadequada. Muitas dessas preocupações surgem da falta de discriminação entre excitação resultante de pensamentos e fantasias sexuais e excitação da estimulação tátil direta.

- 
- ▶ É bastante normal que uma mãe que está amamentando seu bebê ocasionalmente experimente algum grau de excitação sexual devido à estimulação tátil direta de seus seios, em vez de a qualquer desejo incestuoso latente.
 - ▶ O pai que experimenta uma ereção ao brincar com seu garotinho no colo. Isto não é devido a tendências homossexuais latentes, mas devido à estimulação física direta de seu pênis

Tranquilizar o cliente de que estas
são respostas involuntárias
normais à estimulação tátil e que
são bastante comuns, pode
reduzir a ansiedade
desnecessária e impedir que um
acontecimento menor se torne
uma grande preocupação




Primeiro Nível : PERMISSÃO

- ▶ Permissão semelhante para tais sentimentos também pode se aplicar a equitação a cavalo e a motocicleta, escalada em árvores e cordas, uso de tampões, duchas e enemas, ou qualquer outro comportamento que envolva estimulação tátil das áreas mamária, genital ou anal.

Primeiro Nível : PERMISSÃO

- ▶ Essa permissão pode ser aplicada a uma ampla gama de comportamentos sexuais que o clínico reconhece como comum e normal, mas que o cliente não.

- 
- ▶ Veja o caso do casal que leu em sua revista favorita que a frequência média de relações sexuais para pessoas da sua idade e educação é de aproximadamente duas vezes e meia por semana. Sua frequência pessoal pode ser oito vezes por semana ou oito vezes por ano, mas agora eles começam a se preocupar se são "normais", "excessivamente sexualmente" ou "não sexados". Uma resposta do clínico que, em essência, lhes dá permissão para continuar com sua própria frequência preferida, pode ser tudo o que é necessário para aliviar sua ansiedade.

Primeiro Nível : PERMISSÃO


- ▶ Dar ao cliente a permissão de não se envolver em certos comportamentos sexuais, a menos que ele ou ela escolha fazê-lo


Exemplo

- ▶ A jovem que está recebendo pressão de seu parceiro para experimentar "orgasmos múltiplos" ou que leu ou ouviu que é direito de toda mulher "esperar e exigir", mas ela está muito satisfeita com o único orgasmo que ela experimentou com seu parceiro e realmente não se importa se ela é multi-orgásmica ou não

Primeiro Nível : PERMISSÃO

- ▶ Embora seja da responsabilidade do cliente escolher o comportamento com o qual ele deseja se envolver, a permissão "abrangente" do médico pode não ser apropriada se o cliente não estiver fazendo uma escolha informada.
- ▶ É a crença definitiva do autor de que é responsabilidade do clínico informar o cliente inconsciente das possíveis consequências adversas que podem resultar do envolvimento em certos pensamentos, fantasias ou comportamentos.

- 
- ▶ Quanto mais conhecimentos os clínicos tiverem sobre o comportamento sexual em sua cultura e em outras culturas, mais confortáveis eles se sentirão ao aplicar esse nível de tratamento. A orientação teórica ou profissional específica do clínico também pode impor limites à forma como a concessão de permissão pode ser apropriada para um determinado pensamento, fantasia, sonho, sentimento ou comportamento

- 
- ▶ Se a concessão de permissão não for suficiente para resolver a preocupação do cliente, e o clínico não estiver na configuração apropriada, ou não tiver tempo suficiente ou conhecimentos e habilidades relevantes, então este é o momento de encaminhar o cliente para outro lugar



O segundo nível de tratamento:
informações limitadas

O Segundo Nível : Informações Limitadas


- ▶ Cada nível descendente de tratamento geralmente requer mais tempo, conhecimento, experiência e habilidade por parte do clínico

O Segundo Nível : Informações Limitadas

- ▶ Fornecer informações limitadas, é importante que o clínico faça exatamente isso, forneça informações "limitadas" diretamente relevantes para a preocupação do cliente.

O Segundo Nível: Informações Limitadas

- ▶ Apresentar informações limitadas diretamente relacionadas ao problema do cliente pode afetar mudanças significativas em atitudes e comportamentos relevantes.

- 
- ▶ Fornecer informações limitadas também é um excelente método para dissipar os mitos sexuais
 - ▶ tamanho genital
 - ▶ em média, homens e mulheres diferem acentuadamente em sua capacidade de querer e desfrutar relações sexuais e na sua capacidade fundamental de resposta à estimulação sexual.

O Segundo Nível: Informações Limitadas

- ▶ As culturas que são livres e encorajam as mulheres a serem livres na expressão sexual, produzem mulheres sexualmente receptivas que são tão desinibidas e responsivas quanto os homens. Culturas que encorajam e esperam que as mulheres experimentem o orgasmo, produzem mulheres que experimentam o orgasmo e vice-versa.


O Segundo Nível : Informações Limitadas


- ▶ Limitações :
- ▶ Qual a amplitude de conhecimento na área sexual do clínico.
- ▶ Como oferecem tais informações aos seus clientes



O Terceiro Nível : Sugestões Específicas

- 
- ▶ Conhecer o cliente
 - ▶ Conhecer o contexto do cliente

- 
- ▶ sugerir procedimentos inadequados e possíveis de tratamento inúteis com base em dados insuficientes, eles podem ignorar outros tratamentos mais necessários e apropriados, como avaliação médica e terapia.

- 
- ▶ A história do problema sexual. O que o clínico precisa é de um histórico de problemas sexuais. Isso não deve ser confundido com uma história sexual.
 - ▶ Se começarem a ter uma história sexual, então eles estão entrando em terapia intensiva, não terapia breve.
 - ▶ Uma história sexual abrangente não é relevante ou necessária neste nível

1. Descrição do problema atual.

2. Início e curso do problema.


- Início. (Idade, gradual ou repentina, precipitando eventos, contingências)
- b. Curso. (Alterações ao longo do tempo: aumentam, diminuem ou flutuam em gravidade, frequência ou intensidade; relações funcionais com outras variáveis)


3. Conceito do cliente de causa e manutenção do problema.

4. Tratamento e resultado anteriores:

- a. Avaliação Médica: Especialidade, data, forma de tratamento, resultados, atualmente em qualquer medicação por qualquer motivo)
- b. Ajuda profissional. (Especialidade, data, forma de tratamento, resultados)
- c. Auto-tratamento. (Tipo e resultados)

5. Expectativas atuais e metas de tratamento. (Concreto ou ideal)

- 
- ▶ Sugestões específicas são tentativas diretas de ajudar os clientes a mudar seu comportamento para alcançar suas metas declaradas. Isso é feito a partir de uma breve estrutura terapêutica, o que significa que a abordagem é limitada pelo tempo e pelo problema.

- 
- ▶ No entanto, este nível de abordagem destina-se principalmente ao uso dentro da estrutura de terapia breve proposta, e se as sugestões não forem consideradas úteis dentro de um período de tempo relativamente curto, sugere-se que a terapia intensiva



▶ **É o que você faz com o que você tem,** ao invés do que você tem.


Eficaz na promoção de mudanças de atitude e comportamento na área de preocupação de um determinado cliente.

Terceiro Nível : Sugestões Específicas

▶ Técnicas

Limitações


- ▶ O uso eficiente desse nível de tratamento dependerá, em grande parte, da amplitude de conhecimento dos clínicos na área comportamental e sexual, de sua habilidade e experiência e de sua percepção de sugestões terapêuticas relevantes.




O quarto nível de
tratamento:
terapia intensiva

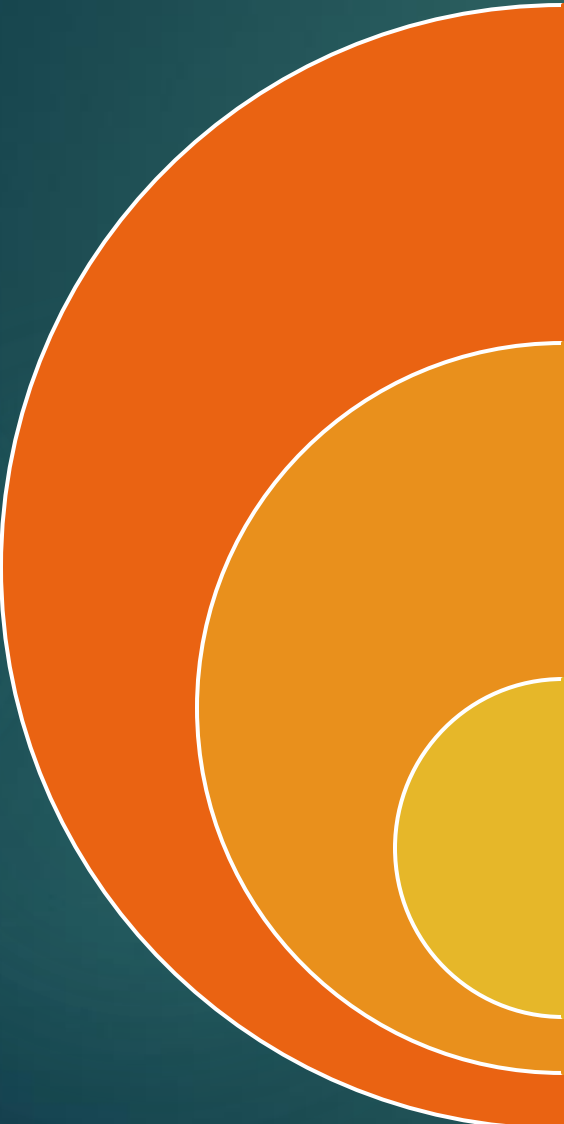
TAYLOR & DAVIS (2007)

- ▶ Se a necessidade de Terapia Intensiva for identificada, é possível encaminhar o indivíduo sem passar primeiro pelos outros estágios.
- ▶ Encaminhamento para intervenção especializada.
- ▶ Pode incluir urologia, medicina genito-urinária, ginecologia ou psicoterapia

- 
- ▶ Uma vez que o tópico tenha sido discutido com o paciente, os profissionais não devem presumir que a sexualidade foi totalmente abordada, pois a sexualidade é um conceito dinâmico e os problemas mudarão em resposta a mudanças nas circunstâncias físicas, sociais e psicológicas

- 
- ▶ Para uma revisão eficaz, os profissionais precisam buscar a perspectiva do paciente.

Revisão de Intervenções



O que o seu parceiro
pode sentir sobre isso?

Há outras coisas em
que você pensou?

O que não abordamos
totalmente?